

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

MODOS DE MASCULINIDADES POR HOMENS *TRANS*

Vivian de Fátima Teixeira Thomáz (Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: viviantthz@gmail.com

Palavras-chave: Identidade. Transexualidade. Comportamentalismo radical. Despatologização.

O fenômeno da transexualidade é comumente explicado como alguém que quer pertencer ao outro sexo. Desde o século XX, a transexualidade é caracterizada como uma patologia e está descrita no *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders* (DSM-V) como “Disforia de gênero”. Para alcançar o diagnóstico, que é um requisito para ser legitimada social e juridicamente, espera-se que uma pessoa transexual sinta disforia pelo próprio corpo, repudiando seus órgãos genitais e desejando construir um corpo que esteja de acordo com os padrões binários de feminino e masculino. A experiência transexual é geralmente retratada com sofrimento, não havendo possibilidade de pessoas transexuais apresentarem satisfação por seus caracteres sexuais primários e secundários. Portanto, intervenções no corpo se fazem necessárias, como a hormonioterapia e a cirurgia de redesignação genital, que são vistas como a única forma de tratamento para aqueles que exibem o transtorno de Disforia de Gênero. No entanto, com vistas ao processo transexualizador, alguns estudos mostram que profissionais da saúde ficam sob controle de topografias de comportamentos estereotipados do que é ser mulher e do que é ser homem. No caso de homens *trans*, espera-se que eles ajam de acordo com padrões de masculinidade hegemônica, subscrevendo padrões de comportamento tipicamente masculinos, tais como: não chorar, ser forte, viril, não ser sensível, realizar trabalhos que exijam força física ou conhecimentos das ciências exatas e tecnológicas, ser heterossexual e ativo nas relações sexuais. Assim, o diagnóstico não só enquadra pessoas na categoria transexual, mas cria condições para que sejam reforçados comportamentos que estejam de acordo com práticas culturais que são opressivas para mulheres, minorias sociais, pessoas que não se adequam nas normas binárias de gênero, e para os próprios homens, que sofrem por não corresponder às expectativas do que é ser macho na sociedade. Pautando-se nessa discussão, o objetivo desta pesquisa é verificar a possibilidade de homens *trans* apresentarem outras masculinidades que não sejam a hegemônica. Para tanto, será realizada uma pesquisa empírico-exploratória, cujas fontes serão informações obtidas por meio de entrevistas semi-estruturadas com homens transexuais maiores de dezoito anos. Os dados serão analisados de maneira qualitativa, com base no comportamentalismo radical, por ser uma teoria que permite uma alternativa à visão essencialista de identidade, à patologização e à normatização das identidades de gênero. Além disso, a análise do comportamento se mostra promissora no planejamento de mudanças de práticas culturais, permitindo a construção de contingências sociais mais igualitárias. A investigação da possibilidade de masculinidades dissidentes à hegemônica tem como horizonte a despatologização de gênero, por permitir que existam outros comportamentos que não estejam descritos no que as categorias “transexual” e “homem” prescrevem, permitindo a existência de outros corpos que rompam com o binarismo de gênero e também que se possa combater a dominação masculina. Ao mesmo tempo, espera-se contribuir com a construção de uma psicologia comprometida com a mudança social, ou seja, que não corrobore com práticas patologizantes, normatizadoras e diagnósticas.